

# DESAFIOS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NÃO VERBAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS RURAIS DE GRAVATÁ: O PAPEL DA COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA E ALTERNATIVA

Ivanildo Miguel do Nascimento Júnior <sup>1</sup>

Rayara Priscyla da Silva Trajano <sup>2</sup>

Jessica Priscila Garcia de Souza <sup>3</sup>

## RESUMO

De acordo com Freire (2013), a comunicação é uma das principais funções da linguagem, essencial para compreender e ser compreendido. Segundo Orrú (2012), é por meio da linguagem que o indivíduo interage socialmente e culturalmente, desenvolvendo seu envolvimento social e sua própria identidade. No entanto, quando limitada, impede o desenvolvimento pleno das crianças atípicas e não verbais. Contudo, o Transtorno do Espectro Autista, segundo Montenegro et al. (2021) é uma condição neurodesenvolvimental caracterizada pelo déficit na comunicação, padrões restritos e repetitivos no comportamento, interesses e atividades. Nesse contexto, a Comunicação Aumentativa Alternativa (CAA), consiste em um sistema de comunicação formado por estratégias e ferramentas que visa facilitar a comunicação de indivíduos com necessidades comunicativas complexas. Seu uso permite que o aluno expresse suas vontades, sentimentos e necessidades, promovendo uma maior integração social e acadêmica. Entretanto, a ausência desta ferramenta dificulta a comunicação, comprometendo a interação social, que termina por implicar no processo educacional pleno da criança. A pesquisa apresentada é de caráter qualitativo com abordagem etnográfica, e base bibliográfica, realizada em uma escola municipal de Gravatá-PE. A pesquisa teve como objetivo principal promover por meio dos instrumentos de observação, entrevistas diretas e análise de dados, a popularização da Comunicação Aumentativa Alternativa (CAA) como estratégia de redução dos desafios relacionados ao processo de alfabetização das crianças atípicas, com embasamento também nos autores Proença e Foltran (2025) sobre o uso desta ferramenta. Os resultados demonstram que há dificuldades em encontrar recursos adequados para trabalhar com a criança e na estrutura da escola, que limita o espaço de desenvolvimento do aluno não verbal. Além disso, a ausência da formação continuada e falta de conhecimento sobre o que é a CAA agrava ainda mais o processo de inclusão no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Comunicação Aumentativa Alternativa (CAA), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Educação Inclusiva, Interação social, Ensino-aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [ivanildo.junior@ufpe.br](mailto:ivanildo.junior@ufpe.br);

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [rayara.trajano@ufpe.br](mailto:rayara.trajano@ufpe.br);

<sup>3</sup> Professora orientadora: Mestra em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [jessica.priscila@ufpe.br](mailto:jessica.priscila@ufpe.br);



# INTRODUÇÃO

A Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) é um recurso essencial para pessoas com ausência da comunicação ou necessidades complexas na fala, visando compensar e facilitar a comunicação e interação de indivíduos com necessidades comunicativas complexas. O Transtorno do Espectro do Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental caracterizada por déficits persistentes na comunicação e interação social. O comprometimento qualitativo da comunicação, incluindo atrasos ou ausência total da fala sem tentativas compensatórias, é um critério diagnóstico do TEA.

A ausência de recursos apropriados, como a CAA, pode limitar a comunicação e a aprendizagem no ambiente escolar. O problema central da pesquisa é como a ausência de recursos como a CAA impacta no desenvolvimento educacional das crianças não verbais e quais estratégias poderiam garantir uma verdadeira inclusão.

A pesquisa parte do pressuposto de que o uso das pranchas comunicativas auxilia crianças não verbais, que frequentemente são relegadas a atividades abaixo de seu nível cognitivo. Há uma carência significativa de formação docente para lidar com esses desafios, especialmente na escola pública.

O objetivo geral da pesquisa qualitativa etnográfica é promover a popularização da CAA como estratégia de redução dos desafios relacionados ao processo de alfabetização das crianças atípicas. Os objetivos específicos incluem refletir sobre materiais, investigar a percepção de profissionais sobre a CAA e mapear os desafios na inclusão de crianças não verbais.

## METODOLOGIA

A pesquisa utilizou metodologia do tipo qualitativa, com abordagem etnográfica, buscando uma visão holística dos fenômenos e tentando reconstruir as ações e interações dos atores sociais sob a perspectiva deles. O estudo buscou analisar os desafios enfrentados por crianças não verbais com TEA em um contexto social e educacional.

O estudo foi desenvolvido durante 30 horas em campo na “Escola da Comunicação” (nome fantasia) em uma área rural do município de Gravatá. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação direta (com função de participante, guiada por roteiro), entrevistas intensivas com duas professoras (Professora A, anterior, e Professora B, atual) e o diário de campo.



Sendo assim, na coleta de dados, usufruímos da observação direta, buscando ter um contato vivo com o objeto de estudo, entendendo a função de participante, no qual “o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (André, p. 28). Para guiar essa observação, utilizamos de um roteiro que visa nortear e orientar nossa abordagem. Contudo, buscamos entender quais materiais assistivos estão disponíveis para a comunicação com o aluno não verbal, que durante o texto e registros, nomeamos como “criança A”, e como se dá a interação dela entre os envolvidos no seu processo educacional

Também será realizada uma entrevista, com a “finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados” (André, p. 28), assim, adentrando nas entrelinhas da etnografia, visando captar as nuances que formam o ambiente explorado. Entrevista essa que será destinada para duas professoras da escola, que denominamos de “professora A”, a professora anterior do aluno não verbal, e a “professora B”, atual professora do aluno. Optamos por realizar essa entrevista com ambas, pois a professora A foi responsável pelo processo educacional da criança A durante 2 anos consecutivos, buscando entender suas experiências durante a época, e a professora B pela atuação atual. Logo, por meio da união das técnicas etnográficas, observação participante e entrevista, pretende-se identificar os principais obstáculos enfrentados por professores na inclusão de crianças não verbais no processo educacional.

Por fim, utilizamos o diário de campo acompanhado de um roteiro de observação, em que a observação da criança não verbal no ambiente escolar envolve compreender sua comunicação com colegas e educadores, onde o professor utiliza abordagens como Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), estímulos visuais e interações personalizadas, além de recursos como pranchas de comunicação, dispositivos eletrônicos e aplicativos que auxiliam na aprendizagem. Ademais, estratégias como rotinas estruturadas, mediação por pares e incentivo à expressão por gestos ou símbolos favorecem sua participação. Além disso, é essencial analisar o clima emocional e relacional entre educadores, profissionais e alunos para garantir inclusão e bem-estar.

Cabe destacar que, o referido artigo pressupõe da elaboração de uma Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP), que trabalha a temática "Os desafios com crianças no transtorno do espectro autista não verbais em escolas públicas em áreas rurais de Gravatá: A Comunicação Aumentativa e Alternativa no processo educacional", a qual buscou investigar, estudar e oferecer estratégias que visem uma inclusão idônea,



## REFERENCIAL TEÓRICO

Paulo Freire enfatiza que a comunicação e o diálogo são essenciais para a educação, e sem eles, não há educação verdadeira. Paulo Freire enfatiza que a comunicação e o diálogo são essenciais para a educação, e sem eles, não há educação verdadeira. Dessa forma, é possível imaginar que crianças do espectro autista não verbais, não conseguem manter um diálogo sem um recurso de comunicação adequado. Ao tratar da importância do diálogo, Freire (2013) nos faz compreender que, sem comunicação, não há diálogo, e, sem diálogo, não existe educação. Assim, o autor reafirma que, dentro do ambiente educacional, não é possível alcançar uma verdadeira compreensão da educação sem diálogo e comunicação.

A obra "Como usar a CAA nas escolas?" (2022), da autora Marycelma Livramento, explora a diversidade de tipos existentes, explicando o funcionamento de cada um e as particularidades que atendem diferentes necessidades. Além disso, orienta o professor a compreender melhor a subjetividade de seus alunos, em parceria com a professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE), proporcionando suporte para um acompanhamento mais eficaz.

Transtorno do Espectro Autista: Um Estudo de Revisão", de Proença e Fortran (2025) traz as abordagens existentes da CAA para alunos com TEA, destacando os tipos



e usos de tecnologia assistiva, além de direcionar as principais limitações, avanços e desafios para a implementação da CAA no ambiente escolar. Assim, busca-se esclarecer e entender os tipos de recursos assistivos e suas diferenças, bem como comprovar as limitações e desafios da educação inclusiva e da implementação do CAA nas escolas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise em campo revelou que a criança não verbal ("criança A") demonstra capacidades cognitivas. Foi perceptível que a criança demonstra domínio em relacionar cores e pintar de acordo com o comando da atividade, realizando ‘tarefas de associação’ com maior facilidade. No entanto, tentativas de avaliar seu nível de alfabetização utilizando o alfabeto móvel não tiveram sucesso, pois a criança respondia com vocalizações incompreensíveis, ilustrando as limitações enfrentadas quando não há métodos adaptados.

A análise em campo mostrou que a criança tem dificuldades em se manter na sala para realizar as atividades e, muitas vezes, tenta fugir ao perceber a demanda. As estratégias pedagógicas convencionais não funcionam para o aluno não verbal. Quando não consegue se expressar, a criança apresenta comportamentos inadequados. Por exemplo, ao invés de solicitar ajuda, ela expressava-se com gritos e movimentos bruscos de cabeça, evidenciando a carência de ferramentas comunicativas adequadas.

Durante o processo de observação e entrevistas, os principais desafios apontados foram a falta de recursos e a ausência de uma adaptação curricular específica para a criança não verbal. A falta de comunicação impactava o processo educativo, pois a Professora A respondeu que "[...] não conseguia identificar o que a criança falava no ano passado [...]".

Um dado surpreendente foi o fato de que, ao serem questionadas, as professoras afirmaram nunca ter ouvido falar sobre a CAA ou qualquer outro tipo de comunicação alternativa. A Professora A comentou: “Olhe, isso que você está falando eu não fazia ideia, e eu achei incrível, parabéns, viu? Se quiser mandar atividades para mim, pode mandar”.

Ambas as professoras confirmaram que a secretaria não disponibiliza e capacita para lidar com crianças no espectro e suas individualidades, nem mandam atividades adaptadas. A Professora A destacou que “aqui no sítio nem sala de AEE tem, nem um espaço para as crianças... Não tem apoio nenhum, nem de professora com mais



formações sobre isso e localidades”. A falta de formação específica dos professores para o uso da CAA é um dos desafios evidenciados.

A Professora A admitiu não utilizar nenhuma estratégia para facilitar a comunicação da criança, afirmando: “Nenhuma. Apenas tentamos entender, quando não entendemos, relevamos. Deixamos para lá, fingimos que entendemos”.

O cenário complexo revela que, por um lado, a criança observada demonstra capacidades cognitivas e traços de independência; por outro, a falta de recursos adequados para a comunicação resulta em comportamentos disruptivos, desde evasão da sala até gritos, refletindo a ineficácia das estratégias pedagógicas convencionais.

O Uso da CAA e a Redução de Comportamentos Inadequados: A implementação da CAA não apenas potencializa o engajamento acadêmico e social. Proença e Foltran (2025) relataram uma redução nos comportamentos inadequados, como crises de frustração, após a introdução de ferramentas de CAA, o que está relacionado à possibilidade de os alunos se comunicarem de maneira mais eficaz, diminuindo a frustração decorrente da dificuldade de comunicação:

Alunos com TEA que utilizaram CAA foram mais engajados nas atividades escolares e na interação social com colegas e professores, o que promoveu um ambiente escolar mais inclusivo. (Proença e Foltran, 2025. p.54).

Freire diz que a comunicação verdadeira é um encontro entre pessoas, não uma imposição. A escola, ao garantir formas alternativas de comunicação, reconhece a criança não verbal como sujeito do diálogo, rompendo com a lógica opressora do silêncio e promovendo uma educação verdadeiramente libertadora. Ao garantir formas alternativas de comunicação, a escola reconhece a criança não verbal como sujeito do diálogo, rompendo com a lógica opressora do silêncio e promovendo uma educação verdadeiramente libertadora, como propõe Paulo Freire:

Se é no diálogo que se dá a comunicação autêntica, ele não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tornar-se um simples jogo de perguntas e respostas. Tem de ser um encontro amoroso dos que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam. (Freire, 2013. p.107).

A falta de capacitação para os professores, a ausência de recursos adequados e o suporte insuficiente da Secretaria de Educação do município impactam diretamente o processo educacional da criança não verbal, sendo um desafio sua inclusão e desenvolvimento na escola. A falta de comunicação compromete a interação social, o



que termina por implicar no processo educacional da criança. Para os alunos, a incapacidade de se fazer entender ou de processar suas emoções pode levar ao isolamento, raiva ou outros problemas. A princípio, Sílvia Orrú aponta que a falta de comunicação é uma das principais queixas de quem convive com crianças no espectro autista, não verbais:

Relatos de pais e profissionais que convivem com pessoas autistas evidenciam a anormalidade de respostas a estímulos verbais e não verbais, a falta de verbalização e mímica, a resistência ao diálogo[...]. (Orrú, 2012. p.39).

Ao longo da análise, foi nítido a compreensão das professoras sobre a forma como a criança não verbal, dentro de suas limitações, consegue se expressar. No entanto, essa comunicação ainda é bastante limitada devido à falta de recursos e ao suporte mínimo. Portanto, os dados observados indicam que a CAA ainda é um tema pouco conhecido dentro do ambiente escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os principais desafios na formação educacional de crianças autistas não verbais, propondo o uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) como ferramenta para melhorar significativamente as interações sociais.

As principais conclusões da pesquisa permitiram identificar a escassez de recursos e ferramentas disponíveis para trabalhar com as crianças não verbais. Foi possível constatar que há pouca oferta de incentivos para que os profissionais se especializem e compreendam de maneira subjetiva as demandas de cada aluno no município de Gravatá. Além disso, um dos principais desafios identificados é a falta de currículos que contemplem as necessidades das crianças não verbais, bem como a ausência de suporte adequado para a formação dos profissionais. A comunicação é essencial para as interações sociais, e sua ausência no ambiente escolar pode resultar em comportamentos inesperados. A pesquisa aponta que a CAA pode ser uma alternativa eficaz para promover a inclusão e facilitar a aprendizagem.

A prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica e o âmbito profissional reside na contribuição significativa para a disseminação do conhecimento sobre o CAA (âmbito acadêmico). No âmbito profissional, será um recurso relevante



para educadores e demais profissionais da área, oferecendo uma compreensão acessível sobre o processo de comunicação no ambiente escolar e alternativas para lidar com crianças do espectro autista, não verbais.

As limitações para esta pesquisa foram encontrar dados mais amplos sobre o uso da CAA nas escolas, as informações restritas e limitadas que as professoras que participaram possuíam devido à carência de conhecimento sobre o assunto, as dificuldades da sala de aula multisseriada, a ausência de um profissional de AEE para dar suporte e até mesmo a falta de formação adequada para os cuidadores da criança.

Na superação desses desafios, proporciona-se um alerta sobre a importância de capacitar docentes e profissionais que irão atuar com crianças do transtorno do espectro autista, não verbais. É necessário buscar investir em políticas públicas educacionais voltadas para a inclusão nas salas de aula, além de flexibilizar o currículo escolar para torná-lo mais adaptado aos alunos do espectro, incluindo atividades baseadas na ferramenta da CAA.

Dessa forma, a partir de uma perspectiva freiriana, compreensão sobre o autismo e a comunicação alternativa, buscamos combater os desafios no processo educacional e dar voz a esses alunos negligenciados, buscando enfatizar a necessidade de estimular pesquisas sobre a temática, generalizando a Comunicação Aumentativa e Alternativa para toda a sociedade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos primeiramente a Laís Jordão, coautora fundamental desta pesquisa, pelo seu trabalho essencial e expertise na área de Comunicação Aumentativa e Alternativa, sem a qual a realização deste estudo não seria possível.

Expressamos nossa sincera gratidão à Professora Jessica Priscila pela inestimável orientação e acompanhamento dedicado durante toda a produção deste artigo.

Por fim, estendemos nossos agradecimentos a Rayara Priscyla pelo seu valioso acompanhamento e participação na elaboração do artigo e nos preparativos para a apresentação no congresso.



## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ANDRÉ, M. E. D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 1995, ed. Português.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. ISBN 9788577532285.

INSTITUTO INCLUSÃO BRASIL. Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos revela que 1 a cada 36 crianças americanas com menos de 8 anos têm autismo. Disponível em: <https://www.institutoinclusaobrasil.com.br>. Acesso em: 12 jan. 2025.

LIVRAMENTO, M. S. C. Como usar a comunicação alternativa/aumentativa na escola? Feira de Santana, 2022. 18 f.:il. Produto educacional (Mestrado Profissional) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade. Acesso: 12 jan. 2025.

MONTENEGRO, A. C. A. *et al.* Contribuições da comunicação alternativa no desenvolvimento da comunicação de criança com transtorno do espectro do autismo. *Audiologia - Pesquisa em Comunicação*, v. 26, e <https://doi.org/org/10.1590/2317-6431-2020-2442>. Acesso em 19 jan. 2025.

ORRÚ, S. E. Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

PROENÇA, S.; FOLTRAN, E. P. Comunicação Aumentativa e Alternativa no apoio à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista: Um estudo de revisão. *Revista Educação Inclusiva – REIN*, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 47-59, 2025. ISSN 2594-7990. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REIN/article/view/3757>. Acesso em: 23 mar. 2025.

